

Memórias do futuro, fulgurações de utopias e heterotopias: relatos de pessoas em situação de rua

Memories of the future, flashes of utopias and heterotopias: narratives of homeless people

RESUMO

Este artigo é resultado parcial da pesquisa que desenvolvo junto ao CNPq. Apresento algumas reflexões sobre o conceito memória do futuro no campo comunicacional, considerando como objeto de estudo empírico as narrativas de pessoas em situação de rua. O artigo pergunta: como as memórias de quem conta, alijado das promessas do capitalismo, podem construir outros mundos possíveis? O objetivo é compreender como as memórias do futuro se relacionam aos espaços da(s) cidade (s) e de que maneira constroem futuros. Para tal, faz uso da teoria semiótica da cultura e de estudos das ciências sociais e humanas assim como do método da História Oral para as entrevistas. Pretende-se demonstrar que memórias do futuro constroem fulgurações efêmeras para lidar com as contradições sociais das cidades.

Palavras-Chave: Memórias do futuro; relatos; pessoas em situação de rua

ABSTRACT

This article is a partial result of the research I am developing with CNPq. I present some reflections on the concept of memory of the future in the field of communication, taking as an empirical object of study the narratives of people experiencing homelessness. The article asks: how can the memories of those who narrate, excluded from the promises of capitalism, construct other possible worlds? The aim is to understand how memories of the future relate to urban spaces and in what ways they build futures. To this end, it draws on the semiotic theory of culture and studies from the social sciences and humanities, as well as the Oral History method for the interviews. The intention is to demonstrate that memories of the future create ephemeral flashes to cope with the social contradictions of cities.

Keywords: memories of the future; narratives; homeless people

MÔNICA REBECCA FERRRARI NUNES

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP). Docente e Pesquisadora do PPGCOM, ESPM. Bolsista produtividade, nível 2, do CNPq. Líder do grupo de pesquisa Mnemon (ESPM/CNPq). E-mail: monicarfnunes@espm.br

INTRODUÇÃO

Este artigo^[1] é resultado parcial da pesquisa que desenvolvo junto ao CNPq^[2]. Aqui apresento algumas reflexões sobre o que tenho conceituado como memória do futuro no campo comunicacional, considerando como objeto de estudo empírico as narrativas de pessoas em situação de rua produzidas em centros de acolhimento na cidade de São Paulo^[3]. A pesquisa, da qual o presente artigo é derivado, assinala a seguinte questão-problema: como as memórias de quem conta, aliado das promessas do capitalismo, podem construir outros mundos possíveis? O trabalho objetiva compreender como as memórias do futuro textualizadas nas narrativas de pessoas em situação de rua se relacionam aos espaços da(s) cidade (s) abigarradas (RIVERA CUSICANQUI, 2018) e de que maneira constroem futuros.

A produção das entrevistas foi realizada no primeiro semestre de 2025 com base na metodologia da História Oral (HERMETO e SANTHIAGO, 2022). Para o artigo, apresento extratos de três relatos, além de pesquisa bibliográfica pautada na semiótica da cultura de Tártu-Moscou (LOTMAN, 1996) para análise e entendimento do que considero como memória do futuro e seus códigos (NUNES, 2024; NUNES, 2019). Uma vez que a perspectiva da memória da qual faço uso é a comunicacional, proponho compreendê-la como tecido codificado significativamente e, nesse sentido, utopias e heterotopias funcionam como códigos para um tipo de memória menos comprometida com a marca da coisa lembrada e mais articulada às projeções da imaginação. Os entrevistados concederam seus depoimentos no Arsenal da Esperança^[4], uma casa de acolhimento localizada na cidade de São Paulo em um prédio que abrigou a Hospedaria dos Imigrantes, no começo do século XX, no bairro da Mooca. A entidade é mantida pela Fraternidade Esperança e pela Associação Assindes-Sermig, instituições religiosas, com parceria da Prefeitura da cidade e dos Governos de São Paulo e Federal. Um local que acolhe cotidianamente 1.200 homens para pernoite, oferece alimentação, banho, área para telão em espaço aberto, biblioteca, salas de computadores, lavanderia, cursos de profissionalização cujo objetivo é a colocação dos acolhidos em postos de trabalho e em programas sociais. O Arsenal também tem parceria com universidades próximas, como a Universidade São Judas e Anhembi, e graças a isso há atendimento de dentista, pedicure e barbearia. Oferece serviços para providenciar documentos pessoais sem custos.

Inicialmente exponho o conceito de memória do futuro. A seguir, apresento os conceitos de cidade abigarrada e perspectiva ch'ixi, para depois trazer os relatos dos senhores acolhidos, e, na sequência, identificar como as memórias narradas se relacionam com os espaços citadinos na construção de futuros. O artigo pretende demonstrar que memórias do futuro constroem fulgurações de utopias e heterotopias efêmeras para enfrentar as contradições sociais das cidades abigarradas.

MEMÓRIAS DO FUTURO

A expressão memória do futuro é encontrada em diversas áreas. Na neurobiologia, por exemplo, liga-se à capacidade mental de planejar, de construir mentalmente cenários futuros e ao fato de que esses planos podem ser lembrados ou retidos durante certo período (INGVAR, 1985; SZPUNAR et al., 2013). Tais memórias constituem a base para a antecipação e a expectativa assim como para o planejamento a curto e longo prazo de um repertório comportamental e cognitivo, por sua vez formados por experiências passadas que são continuamente otimizadas orientadas para objetivos ainda não alcançados. Os detalhes, a clareza perceptiva do que pode ser lembrado depende de uma série de fatores, a exemplo da familiaridade ou não dos elementos manipulados nos cenários simulados. Por outro lado, a positividade, a negatividade ou a neutralidade das emoções indicam a importância dos afetos na consolidação dessas memórias prospectivas. Simulações de futuros negativos, por exemplo, em algumas pesquisas, foram esquecidas mais rapidamente do que as positivas e neutras, mostrando a influência do desvanecimento afetivo – isto é, o afeto que une os detalhes do evento (SZPUNAR et al., 2013) que pode se dissipar mais rapidamente para eventos negativos do que para os positivos. Tais pesquisas sugerem que pessoas podem se lembrar melhor de futuros otimistas.

Ainda que as investigações sobre o tema da memória do futuro ou memória prospectiva, ligada a mecanismos atencionais e a outros processos neurológicos, não constituam o cerne do interesse deste artigo, faço coro às ideias de Paolo Jedlowsky (2016). A partir das pesquisas de David Ingvar (1985), o primeiro a falar em memórias do futuro no âmbito dos estudos sobre o funcionamento do cérebro, Jedlowsky afirma que é possível reconhecer memórias do futuro igualmente no campo da memória social.

Nesse sentido, também é plausível pensar em planos de ações e comportamentos futuros no quadro das práticas culturais. Sabe-se que o passado pode ser também passado que não passa, quer no inconsciente quer na cultura. Por isso, o passado não é uma coleção de fatos acabados e a memória do futuro é uma perspectiva sobre esse passado narrado de onde brotam visões, expectativas, ambições, imagens predecessoras que se apresentam como fruição ou que permaneceram como futuro irrealizado. Para o sociólogo, as memórias do futuro são lembranças do que indivíduos ou grupos expectaram no passado como futuro sonhado. O futuro que esteve presente no passado se torna materialmente tangível no presente dos testemunhos, nas conversações diárias, nas narrativas autobiográficas, como aquelas relatadas por pessoas em situação de rua em que a memória do que foi expectado no passado aparece continuamente de maneira projetiva.

Ainda no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, descobre-se que a ideia de memória do futuro aparece na Idade Média especialmente no contexto das práticas mnemônicas e da

imaginação monástica, como explica a historiadora Marry Carruthers (2012). A autora adverte que a memória monástica é uma memória locacional do mesmo modo que a mnemotécnica, a arte da memória romana contida na *Rethorica Ad Herenium*, conhecida como um manual para os oradores lembrarem partes de seus discursos a partir da imaginação de imagens colocadas em lugares como casas, palácios ou fundações construídas mentalmente. Tanto as tradições mnemônicas da Antiguidade Greco-Latina quanto as Medievais cultivam “a fabricação de imagens mentais com as quais a mente trabalha como um procedimento fundamental do pensamento humano” (CARRUTHERS, 2012, p.35). A técnica de recordação monástica envolve a invenção. Ao analisar os Salmos, a autora salienta que os monges medievais os aprendiam de cor e destaca a afetividade presente nesses livros de orações e cânticos, a exemplo do Salmo 136: “à beira dos canais de Babilônia, ali nos assentávamos, sim, e chorávamos quando recordávamos Sião”. (CARRUTHERS, 2012, p. 109).

O lembrar afetivo dos Salmos guarda pouca semelhança com a concepção grega, herdeira de Aristóteles de que a memória é do passado. Formulação que subjaz à ideia de que a memória é exclusivamente reiterativa, reduplicadora ou armazenadora de dados. De modo contrário, Carruthers recorre a vários tropos para argumentar a favor da ideia de uma memória do futuro. Dentre eles, destaca o tropo “lembrem-se do paraíso”. Figuração curiosa uma vez que ninguém pode conhecer o paraíso antes de morrer. Lembrar do paraíso revela uma memória menos comprometida com a fidelidade ou autenticidade a um passado real e mais com seu uso para estimular emocionalmente o presente e afetar o porvir. Os monges medievais chamavam de recordação não apenas o que fora apreendido no passado, mas a imaginação e a experiência visionária. Carruthers (2012, p. 111-112) enfatiza que no idioma monástico comum, “alguém ‘recorda’ as Últimas Coisas, a morte, o Céu e o Inferno: ou seja, produz uma visão mental ou um ‘ver’ de coisas invisíveis a partir dos materiais de sua memória”. A historiadora sublinha ainda que os usos da memória são pensar, inventar, e produzir no presente uma composição dirigida ao futuro.

Não muito diferente, no âmbito dos estudos comunicacionais contemporâneos, Keithley e Pickering (2012) referem à intersecção entre memória e imaginação, reconhecendo que há um espaço intersticial entre o passado e o futuro, no qual são feitas transações intertemporais. Sem desprezar a complexidade dos processos mnemônicos, os autores afirmam que o sujeito que lembra se relaciona imaginativamente com o que é retido do passado, move-se através das temporalidades e reorganiza suas experiências em narrativas coerentes. Sabe-se que não é possível lembrar das coisas exatamente como foram experimentadas (RICOEUR, 2007), mas, sim, reconstruí-las do modo que sejam razoavelmente próximas aos sentidos que preservamos conosco ao longo do tempo vivido. Pode-se igualmente pensar nessas vivências de modo

imaginativo. Longe de entenderem a relação da memória com a imaginação como um problema, os autores compreendem a memória como associada à imaginação. Ainda que haja distinção entre elas, não estão separadas definitivamente. Ponderações muito próximas à concepção monástica da memória investigada por Carruthers em que recordar equivale a imaginar.

Proponho ampliar essas reflexões acrescentando o ponto de vista semiótico. Retomo brevemente alguns conceitos, como o de cultura, considerada como “conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem.” (LOTMAN, 1979, p.32). Lê-se aqui a máxima de que cultura é comunicação. Faz-se de um conjunto de sistemas sígnicos, isto é, de linguagens, formalizado historicamente que pode ser examinado por meio de códigos culturais, elementos comunicacionais de grande complexidade. Vale dizer ainda que, do ponto de vista semiótico, “a cultura é uma inteligência coletiva e uma memória coletiva, isto é, um mecanismo supraindividual de conservação e transmissão de certos comunicados (textos) e de elaboração de novos” (LOTMAN, 1996, p. 157). Traduzir certa realidade em linguagem, conforme salienta Ferreira (2007), ao comentar o autor russo, é transformá-la em texto.

Cultura é comunicação e memória, os processos mnemônicos ganham materialidade nos textos de cultura que nela circulam e são transmitidos. O conceito de texto não se refere apenas aos de caráter linguístico, mas funciona como unidade de significação e sentido que opera no espaço semiótico da cultura, na semiosfera, espaço fora do qual é impossível a ação sígnica, a semiose. O texto cultural é capaz de condensar e de gerar memória. Essa dinâmica permite que “os sentidos na memória da cultura não se conservem, mas cresçam. Os textos que formam a memória comum de uma coletividade cultural, não só servem de meio de decifração dos textos que circulam no corte sincrônico contemporâneo da cultura, mas também geram novos textos” (LOTMAN, 1996, p.160). Processo geracional movente, dirigido ao porvir, a um futuro também imaginado.

Do ponto de vista comunicacional, entendo que memórias do futuro são modos de codificação da memória da cultura que põe em evidência projeções imaginativas, invenções, expectativas, visões. Do mesmo modo, mobiliza utopias, heterotopias, ucronias e montagens temporais entre passado e futuro, como códigos culturais espaciotemporais, para a produção de sentidos expressa nas lembranças narradas, em si mesmas, textos culturais, uma vez que somos textos, *personas* semióticas, nas palavras de Lotman (1996). Lembranças-textos falam ao futuro. O que pode ser escutado em contextos de vulnerabilidade social por meio dos depoimentos de pessoas em situação de rua.

CIDADES ABIGARRADAS E A PERSPECTIVA CH'IXI

É necessário somar à perspectiva semiótica que conduz este artigo para compreender a memória do futuro àquela apreendida nos escritos da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2018) ao se referir à noção de abigarrado para pensar as sociedades e as cidades latino-americanas. O conceito de *abigarramiento*, nascido para analisar sociedades formadas pela dominação colonial no âmbito do desenvolvimento capitalista, foi criado pelo sociólogo também boliviano René Zavaleta nos anos de 1980 e se refere “a contextos sociais nos quais convivem, simultaneamente, mais de um tempo histórico” (GONÇALVES, 2012, p. 35). As implicações decorrentes dessa ideia dizem respeito não apenas à convivência de modos de produção distintos, mas também às variadas relações sociais que ocorrem em um mesmo momento. Para Zavaleta, as heterogeneidades deveriam ser superadas em figuras idealizadas, com os sonhos da revolução nacional.

Entretanto, Rivera Cusicanqui (2018) amplia a discussão e atenta às conexões do *abigarramiento* com a ideia de espaço-tempo (*pacha*, em *quíchua*^[5]). A autora encaminha suas reflexões sob a perspectiva da epistemologia *ch'ixi*^[6], isto é, a de “habitar contradições sem sucumbir à esquizofrenia coletiva” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 31). O gesto *ch'ixi* surge do reconhecimento da fissura colonial que “habita em todos e em cada um de nós” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p.81) e convida a viver criativamente os antagonismos nascidos dessa ferida histórica.

A autora reforça, ainda, que a mirada *ch'ixi* enxerga a justaposições de espaços, populações e culturas que parecem emergir do fundo de outros tempos, mas sem recusar as incongruências advindas dessas camadas de tempo e espaço. O *abigarramiento* é absorvido na perspectiva *ch'ixi* e, como conceitos-metáforas, descrevem e interpretam as complexas mediações e a heterogênea constituição das sociedades, especialmente as marcadas pelas experiências colonizadoras como as latino-americanas.

Tais ideias podem servir para a compreensão dos paradoxos do Brasil, como sinalizam Jácome, Kabalin Campos e Leal (2021) ao trazerem como exemplos as divergências da cidade mineira de Belo Horizonte, que, a partir de uma mirada *ch'ixi*, podem ser mais bem compreendidas como cidade abigarrada. “Noções como *abigarramiento* e *ch'ixi* não apenas reconhecem essas contradições como as tomam como potência de pensamento” (JÁCOME et al, 2021, p. 313).

Será possível pensarmos no *abigarramiento* e em uma mirada *ch'ixi* como forças criativas e potências de pensamento na conexão memória, espaço urbano paulista e população vulnerável? As lembranças de pessoas que vivem nas ruas, acolhidas durante a noite nos albergues ou dormindo ao relento, pouco interessam à lógica neoliberal, à concepção de progresso linear, monológico, tecnológico que impera em nossas sociedades. São textos culturais que circulam a contrapelo da história oficial. Não são relatos narrados como superação e sucesso. Ao contrário,

são lembranças-textos- testemunhos de nosso passado colonial, da herança escravagista, do racismo estrutural que mantém, no tempo presente, corpos racializados marginalizados e nas ruas, à deriva. Narrativas que reforçam o preconceito gerado por esse passado indigesto que não passa na contínua produção de estereótipos, antes voltados aos escravizados ou recém-libertos, como o de vadios (PECHMAN, 2002), e hoje transferidos a pessoas em situação de rua. A pecha de vadios soma-se a de cracudos tendo em vista a condição de dependentes químicos que vitimiza muitos deles. Suas memórias revelam a bionecropolítica^[7] que fundamenta a profunda desigualdade sociocultural e política de nosso país – já um truísmo. São memórias de vidas abreviadas, escondidas ou apagadas em torno de desfazimentos e não-ditos.

Em meio ao centro financeiro da maior metrópole da América Latina, irrompem as perguntas clássicas de Butler (2022) ao refletir sobre vidas precárias: quais vidas valem a pena ser vividas? Quais valem ser enlutadas? Acrescento: quais vidas valem ser recordadas? Paradoxalmente ao descaso imposto à população em situação de rua, haverá *abigarramiento*, na perspectiva *ch'ixi*, como potência imaginativa, e memórias do futuro para a construção de outros mundos possíveis? É preciso, antes de qualquer resposta, colocar-se à escuta.

FULGURAÇÕES DE FUTUROS

“Escutar é pôr-se em postura de decodificar o que é obscuro, confuso ou mudo para fazer aparecer na consciência o que é vivido, intencionalizado como escondido”, afirma Roland Barthes (1982, p. 204) quando distingue o ouvir como fenômeno fisiológico do escutar como ato psicológico. A escuta aproxima corpos, coloca em contato quase físico dois sujeitos, pela voz e pela orelha. Barthes vai mais longe e nos lembra a transferência implicada nessa ação: “escute-me” quer dizer “toque-me, saiba que existo”. No jogo de escuta e voz que passo a narrar, os corpos estão frente a frente, o meu e os deles dispostos a me fazerem saber de suas existências e de seus sonhos.

Depois de me apresentar, explicar a pesquisa, pedir que assinem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, peço para que narrem as suas vidas, de preferência desde a infância, descrevam rotinas, o dia passado no Arsenal e o que desejam para o futuro. Como toda entrevista aberta, seguindo a proposta da História Oral, a narrativa poderá começar de qualquer lugar e eu, na condição de ouvinte, tento algum manejo sobre a memória do narrador. Seleciono a seguir extratos que deixam entrever fulgurações de futuros utópicos e construções heterotópicas em meio à hostilidade do tempo presente.

FULGURAÇÃO PRIMEIRA: “SOBREVIVER, TER UMA ESPOSA, UM CANTINHO” (SÍLVIO, 49 ANOS)

Sílvio irá fazer 50 anos. “Meu Deus, eu não queria passar por isso. Se eu cheguei a essa idade é pela misericórdia de Deus, muita coisa aconteceu na minha vida, perdi até minha mãe”. A presença materna e a morte dela perpassam toda a entrevista em planos temporais que intercalam o passado, o presente, e, por vezes, o futuro recordado em meio a todas as perdas sofridas. A mãe era mulher religiosa, ministrava a eucaristia nas missas de Ribeirão, cidade do interior de Pernambuco, onde ele nasceu. “A educação que ela me deu foi maravilhosa. Cansei de falar pra ela: mãe, se eu erro, se eu já erre, foi culpa minha, a senhora não tem culpa de nada”. Encadeia sua narrativa plasmada na culpa e nos pedidos de perdão de modo não linear.

Não sente mais graça em voltar pra Pernambuco depois da morte da mãe, afastou-se de todos de lá. Entre rupturas temporais e espaciais, mostra pedaços de sua história. “Aprontei muito. Já paguei por isso. Deus me perdoe, eu tirei uma vida lá, tirei outra aqui. Eu já paguei por isso, tô tentando mudar, hoje sou uma nova pessoa”. Retorna à adolescência: “[...] com 14 anos já usava drogas, me envolvia com amigos que não valiam nada, eu também já não tava valendo nada na minha vida, desagradava a Deus”. Materializa suas lembranças deixando a ver memórias do futuro, o que queria ter sido: “eu quis ser uma pessoa que no fundo, no fundo, hoje eu tô vendo que não é nada disso, não se ocorre por aí. O caminho não é aquele [...] eu já sofri num lugar terrível e sei o que é sofrimento”. Corta para o presente e comenta sobre o lugar em que se encontra: “aí eu vejo essa maravilha porque isso aqui [o arsenal] é uma bênção”. Olha direto para meus olhos e afirma pequenas transformações e o desejo remanente: “A cachaca eu larguei, as drogas não, mas eu tô tentando acertar um pouquinho, tô tirando meus documentos, vou começar a trabalhar, dia 08 vou obturar os dentes”, relata seus planos com brilho na voz.

Não tinha documentos por medo de ser pego pela polícia, chegou a ser detido muitas vezes. Em São Paulo, morou na casa de uma tia, de lá saiu, ficou na Praça da Sé, de onde descreve cenas de violência, voltou para Ribeirão para cuidar da mãe. “Agora voltei pra São Paulo, estou aqui, mas também não estou muito querendo ficar aqui.” Pergunto o que ele quer: “Não sei, eu pergunto a Deus. Peço pra Deus determinar na minha vida, peço todo dia a ele, peço perdão. Eu gosto muito de pedir a Deus, sou uma pessoa de Deus.”

A última pergunta da entrevista é sobre o que quer para o futuro, sobre seus sonhos. Aproxima o polegar e o indicador ao dizer que tem um sonho pequeno: “tentar sobreviver o restinho da minha vida que já estou chegando nos meus 50 anos. Porque, olhe, se a senhora me conhecesse, eu era ruim, era ruim”. A presença da mãe, como ritornelo, vem com o conselho: “minha mãe me disse para procurar uma religião na minha vida”, ao que emenda, ainda falando do que sonha para o

futuro: “quero uma esposa e um cantinho”. O mote da perda da mãe com que iniciou a narrativa é o mesmo com o qual termina: “porque eu só tinha minha mãe na minha vida [...] os exemplos que ela deixou vou seguir um pouco, vou tentar um pouquinho”. E, na sequência, o que sua falta e o não cumprimento de seus aconselhamentos provocaram: “minha vida aqui em São Paulo é um pouquinho complicada, com problemas na justiça, mas eu já paguei. Mesmo assim a polícia tá parando as pessoas”. Ao final, a ausência materna, o desejo de uma esposa e de um lugar inexistentes se manifestam na presença divina: “eu não tenho ninguém por mim, só Jesus”.

FULGURAÇÃO SEGUNDA: “MEU CANTINHO E MINHA COZINHA” (EDMIR, 56 ANOS)

Edmir, 56 anos, conseguiu auxílio moradia e iria ser deslocado do Arsenal para uma moradia conjunta no dia de nossa entrevista. Nascido em Poá, interior de São Paulo, em uma família boa, como relata. Seu pai, ferroviário, a mãe, dona de casa, Edmir conta que começou a trabalhar no mercadinho local com 12 anos. A família sofreu abalos: separações, mortes, o vício de um dos irmãos. Para ele, o vício chegou com as amizades. “Eu comecei a beber. Fui desandando. Fui para uma pensão, achei que era mais liberdade. Fui aumentando a bebida”. A família já não quis que voltasse para casa. De certa maneira, pondera concordando com a decisão. “Eu entendo, a gente deixa a família doente também”. Desfia sua trajetória na capital paulista em uma longa sequência em que a rua se desenha como amálgama de sua identidade:

[...] Vim pra São Paulo, pro lado do Parque Dom Pedro. Fiquei na rua, aí ali você vai pegando a mania que os outros têm, você fica sujo, cabeludo, você nem sente mais seu cheiro, você não tá nem aí, a madrugada é longa, a cachaça pra lá, a gente vai no mercadão buscar as coisas pra comer, tem muita briga, gente assassinada a pauladas. A vida na rua hoje eu vejo que é triste. A pessoa em situação de rua, ela adquire aquilo que tem na rua. Ela faz parte da rua. Até o linguajar da pessoa muda. A identidade dela, ela perdeu. Graças a Deus eu nunca fui pro roubo. Era a bebida, droga, mas não roubava os outros, eu pedia, com muita vergonha. As pessoas põem apelido em você, ô Negão. Tinha três negão, não sabia se era eu, se era aquele, se era aquele. A gente perdia a essência de chamar a pessoa pelo nome. Não reconhece mais como pessoa, reconhece como tudo igual (Edmir).

Quando chegou ao albergue logo se adaptou à disciplina da casa porque nunca esqueceu as regras que o pai impunha para a família, e “o Arsenal tem regras”, explica. “Não perdi essa identidade”. Reforça suas conquistas e vai revelando o que planeja quando diz que no Arsenal

fez curso de gastronomia e indica o quanto está livre do álcool. “80% eu tô legal, desviando das coisas que me fazem mal”. Quando conversou comigo vestia uma camiseta do POT^[8] – programa social no qual foi inserido. Disse-me que esse trabalho seria um recomeço, “eu tô tentando”. Pergunto sobre seus sonhos, ao que responde: “pano velho não vai se remendar com novo. Eu quero construir minha casinha, mesmo que tiver que pagar um aluguel, eu quero meu espaço, trabalhar num restaurante, ou senão, abrir meu negocinho, fazer meu bolinho, fazer uma comidinha caseira. Gosto de cozinhar, me achei nisso aí agora, também vou arrumar meus dentes”. Insisto em querer saber mais o porquê desse desejo.

[...] Já me lembra um pouco no passado das coisas que aprendi lá no sítio, a cozinhar, a ver meus irmãos cozinhando, então eu tenho lembrança dessas coisas. A gente se sente satisfeito quando alguém diz que tava muito gostoso. Meu sonho maior é ter meu cantinho e minha cozinha. Mesmo que eu tiver lá dentro da cozinha, mas ter alguém servindo, ter o prazer de olhar e ver a pessoa gostando do que eu fiz, do que eu elaborei. E cuidar um pouco da filha, dá um pouquinho a mais pra ela. Ela entende hoje o que se passou (Edmir).

A satisfação que vislumbra na construção de um cenário imaginário, com sua cozinha, foi expectada no passado, junto aos irmãos, e permaneceu como futuro não realizado nas desventuras vividas.

FULGURAÇÃO TERCEIRA: UMA FAMÍLIA, EU QUERO UMA FAMÍLIA (JULIANO, 40 ANOS)

Juliano veio de Esteio, região da grande Porto Alegre. Sotaque cantado, voz leve. O pai era espírita fervoroso, a família não tinha televisão em casa, era proibido. Só quando seu pai morreu, sua mãe comprou uma Philips 14 polegadas. “Até hoje sou noveleiro”, relata elencando várias novelas às quais assistiu com a mãe. “Com 17 anos comecei a ter amizades diferentes, comecei a beber, a conhecer drogas ilícitas, conheci a dependência química. Depois de muitas recaídas, posso dizer que hoje eu tenho domínio”.

Desde novembro de 2024, está no Arsenal. Refere-se ao trabalho das assistentes sociais preocupadas com ele, que vai começar o tratamento em seus dentes. Descobre que ali há um tempo para conhecer a si mesmo.

[...] Porque nós que somos ex-dependentes químicos, alguns não são, sofrem de depressão, tão aqui porque a família abandonou, a pandemia bagunçou com a vida de muita gente, a enchente no RS também bagunçou com vida da gente que

é gaúcho. Isso tudo mexe com o emocional. Até estruturar tudo de novo, até reestruturar o sentimento da gente, quem é o Juliano? Que que o Juliano gosta? O que não gosta? Quais as limitações do Juliano? O Arsenal me dá esse tempo pra mim me conhecer (Juliano).

Elogia a casa e se refere ao bloco de carnaval organizado pela professora de música que desenvolve trabalho voluntário. "Tem o Batuca Bresser, que eu dei até entrevista pra Rede Globo", comenta orgulhoso. "Porque muita gente, a sociedade vê muito assim: o morador de rua, morador de rua. Mas a gente tem algo de bom dentro da gente, e o batuca Bresser veio passar essa mensagem, veja o bem que a gente tem"! Ao longo da nossa conversa, Juliano reforça o preconceito social dirigido às pessoas em situação de rua, relata as experiências com trabalho escravo nas fazendas de maçãs em Vacarias, RS. E descreve a si mesmo visando ações no futuro:

[...] eu sou cara cheio de sonhos, errei por escolhas diferentes talvez por ter perdido meu pai muito cedo [...] eu era muito vulnerável. Se eu não escolhesse o caminho errado, eu não tinha passado por tudo isso. Eu passei por tudo isso, e tenho que passar pro um filho, pra uma filha que um dia eu vou ter, olha não vai por aí. Eu tive que passar por todo esse sofrimento, a minha família se afastar de mim, pra mim hoje ter esse conhecimento de que eu tenho que ter limitações (Juliano).

De um modo talvez parecido com Sílvio, deixa entrever certa culpa ou desgosto por não ter valorizado a presença da mãe cuja morte se deu durante a pandemia de Covid-19. Porém, diferentemente dele, Juliano analisa a si mesmo como imaturo e não "alguém ruim", como enfatizou Sílvio.

[...] eu não tinha maturidade pra ver o quão bom era aquele momento de estar com minha mãe, se fosse hoje, a cada segundo, a cada milésimo do relógio eu dava valor, se eu tivesse a minha mãe naquele mesmo espírito de acompanhar novela que até hoje sou noveleiro. Eu desvalorizei aquilo pra ficar com os amigos, bebendo, eu comecei a me desleixar, perdi a disciplina do lar. Se fosse hoje eu daria tudo pra estar com ela (Juliano).

Logo no início de nossa conversa, percebo o entusiasmo com o bloco de carnaval, pois Juliano portava um celular e mostrou o vídeo gravado pelo Jornal SP1 em que ele aparece. Por isso, pedi para narrar aquela experiência na sequência de sua fala culposa.

[...] Batuca Bresser. Ah! Especial! Eu fiz parte, e hoje foi a realização de um pequeno sonho porque eu nunca aprendi nada na minha vida. Eu sempre fiz tudo pela metade. Não consegui acabar meus estudos, estudei até a 8ª. serie. Acabei parando nas ruas, e, pô, acabei sendo entrevistado na tevê Globo, passei na hora do meio-dia, no SP1. Depois que termina a gente fica com esse presente, que a gente tem qualidades, que a gente pode aprender coisas novas, aprender um instrumento, isso aí foi um gás pra mim ter a cada dia esperança na minha vida. Eu posso dizer que hoje eu sinto pingos de alegria na minha vida. Antes eu tava sobrevivendo, hoje eu estou conseguindo sentir o gosto da vida novamente (Juliano).

Pergunto sobre seus sonhos, sobre o que imagina para o futuro:

[...] uma família, eu quero uma família. Uma mulher que entenda meu problema, que quem sabe seja voluntária nessa casa, que saiba tudo isso que aconteceu comigo. Eu sou homem, mas eu tenho um lado jovem ainda. Eu tô experimentando coisas que eu nunca experimentei, como isso aqui, o Batuca Bresser, ah! É um bloco de carnaval, mas pra mim foi muito importante que eu aprendi algo novo. E pô, eu passei na telinha da emissora mais importante do mundo (Juliano).

Refere-se mais uma vez ao Arsenal: “aqui tá sendo um aeroporto pra mim levantar voo, pra mim ser alguém na vida [...] eu consigo produzir algo, eu tentei em vários lugares, mas eu não consegui ser reconhecido por ninguém. Aqui no Arsenal eu sou chamado de senhor. Olha só (diz brincando) senhor...! Aqui tratam a gente como gente”.

UTOPIAS E HETEROTOPIAS

Com os relatos assiste-se a espaços-tempos abigarrados. Passados não digeridos e indigeríveis sobrevivem continuamente em justaposições de modos de produção, cenas e populações que emergem do passado escravagista que não passou de todo em nosso país. Escutamos a memória dos futuros que foram designados pelo colonialismo: os senhores acolhidos, como denominados no Arsenal da Esperança, entrevistados são pretos, pobres, migrantes, não terminaram seus estudos, têm entre 40 e 60 anos, passaram pelas ruas e ou perambulam de albergue em albergue desde muito novos. Fizeram tudo pela metade, nunca foram reconhecidos, como disse Juliano. As drogas e o álcool entraram em suas vidas na adolescência, não foram cuidados. Seus corpos, fragilizados. Nenhum deles, dentre os que conversei, possui dentição completa. Estão à margem da margem e estigmatizados. Os trabalhos são transitórios, indefinidos ou escravos. Não há redes de afeto, mas profunda solidão. Não referem amigos. Fulguram imagens de amor e família.

Nesses depoimentos, a rua é violenta, onde se perde a essência de ser uma pessoa com nome próprio, onde tudo é igual, como disse Edmir, em que se mata a pauladas, obrigando os que estão ao relento a não dormirem, a se protegerem uns dos outros. Lugar em que também são temidos, interditados pelos vidros dos carros e pelo preconceito.

Por outro lado, nos relatos, o Arsenal da Esperança assume a função de utopia situada, isto é, uma heterotopia: lugar diferente de todos os outros, como ensina Foucault (2013). Heterotopias, cujo tempo é demarcado, têm lugar. A antiga hospedaria dos imigrantes se converte “numa

bênção”, como disse Sílvio, uma espécie de contraespaço em que cracudos e vadios são chamados de senhores, onde é possível que os acolhidos construam fulgurações de futuros utópicos: a participação no bloco carnavalesco e a aparição na tela da Globo como reconhecimento social, a cozinha, o cantinho, alguém amável.

As sociedades produzem suas heterotopias e são frequentemente variadas. A pesquisa não se deteve ainda em outros centros de acolhimento, mas desde a ampla área verde, o telão ao ar livre, espaços para carregar celulares, para lavar roupas, um bazar em que podem comprar mais barato peças usadas, cursos de colocação profissional, uma série de atendimentos que parecem humanizados pode diferenciar o Arsenal de outros albergues. Os centros de acolhimento são heterotopias de desvio, uma vez que se destinam a abrigar aqueles que escapam à norma. Nesse caso, os senhores acolhidos estão às margens do projeto moderno neoliberal. Mesmo enquanto espaço heterotópico, no Arsenal há regras: horários fixos para refeições, abertura dos chuveiros, entrada e saída da hospedaria, além de outras. Foucault ainda se refere às temporalidades heterotópicas como heterocrônicas, e, em heterotopias onde o tempo pode escoar ao infinito. De toda forma, como disse Juliano, ali há tempo para que conheçam a si mesmos, ainda que as atividades cotidianas obedeçam a periodicidades regulares.

As heterotopias são produzidas por reservas de imaginação e talvez por isso estão junto às utopias. Jacoby (2007) assinala as diferenças entre utopias projetistas, que redundaram em futuros esquadrinhados, em experiências sociais totalitárias, e utopias iconoclastas, que permitem a abertura para o futuro e dão vazão aos antiprojetistas. O autor situa Ernest Bloch como um dos utopistas antiprojetistas. Em Bloch, a pluralidade da utopia é fundamental, pressupondo existências de diferentes utopias baseadas em um conjunto de preocupações como antecipação de esperanças, sonhos, expectativas individuais e sociais que ainda-não se realizaram, e que, nessas condições, são reformuladas e, portanto, mutáveis e plurais, fazendo da utopia um permanente vir-a-ser, conferindo-lhe caráter processual e dinâmico. Conforme Esther Limonad (2016, p. 10), a utopia em Bloch “permite que seja compreendida enquanto uma constelação de ênfases e de valores e não como um plano para alcançar uma sociedade perfeita. Assim, para Bloch a utopia é portadora de um futuro em aberto e indefinido.” Nesse sentido, a utopia necessita da imaginação, como assinalam Jacoby (2007) e Jameson (1996), ainda que possa fracassar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Respondo ao problema e ao objetivo do artigo retomando a problemática da memória do futuro que faz equivaler recordar e imaginar. Planeja, antecipa e otimiza continuamente as experiências passadas para objetivos ainda não alcançados, tornando memoráveis cenários futuros otimistas. Do ponto de vista semiótico, isto é, como texto de cultura, essa memória se codifica por meio da utopia e da heterotopia.

Nos depoimentos escutados, assiste-se ao mandato materno de procurar uma religião ecoar ainda na vida de Sílvio em suas tentativas de acertar, em se considerar um homem de Deus, pedir perdão a ele e sonhar com uma esposa e um cantinho. Com o senhor Edmir, é a lembrança dos irmãos cozinhando que permitem que ele “se ache na cozinha” e siga ambicionando o que permaneceu aberto no passado, ser no futuro reconhecido por aquilo que faz. Nas lembranças de Juliano, o reconhecimento é outra fulguração de futuro. Mas, uma frase resume melhor os códigos para a memória que quer ser recordada, no futuro, em que a uchronia ajuda a compor o retorno teleológico para o que deseja em seus sonhos: “Eu passei por tudo isso, e tenho que passar pro um filho, pra uma filha que um dia eu vou ter: olha não vai por aí.”

A memória do futuro constrói outros mundos possíveis por meio de seus códigos que alimentam as potências imaginativas necessárias para fulgurações efêmeras e, assim, lidar com as contradições sociais de cidades abigarradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1982.

BUTLER, J. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2022.

CARRUTHERS, M. *A técnica do pensamento: meditação, retórica e a construção das imagens* (400-1200). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

FERREIRA, J. P. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

GONÇALVES, R. S. Autodeterminação das Massas em uma Sociedade “Abigarrada”: René Zavaleta Mercado e as bases para um marxismo renovado na Bolívia. In: *Rebela*, v. 2, n. 1, jun. 2012, p. 30-44.

HERMETO, M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.) *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

INGVAR, D.H. Memory of the future: an essay on the temporal organization of conscious awareness. *Human Neurobiology*. 1985; 4(3): 127-36. Disponível em https://www.prospectivpsych.org/sites/default/files/pictures/Ingvar_Memory-of-future-1985.pdf. Acesso em 06 jun. 2023.

JÁCOME, P.; KABALIN CAMPOS, J. K.; LEAL, B. S. Olhares intrusos: reflexões e miradas sobre um mundo ch'ixi. *MATRIZES*, 15(1), 2021; p. 299-314. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i1p299-314> Acesso 28 jul. 2023.

JACOBY, R. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, F. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

JEDLOWSKI, Paolo. Memories of the future. In: TOTA, A.; HAGEN, T. (Eds). *Routledge International Handbook of Memory Studies*. London: Routledge, 2016.

KEIGHTLEY, E; PICKERING, M. *The mnemonic imagination: remembering as creative practice*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

KOWARICK, L. *Trabalho e vadiagem – a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2019.

LIMONAD, E. Utopias urbanas: sonhos ou pesadelos. *XIV Coloquio internacional Geocrítica*. Barcelona, mai. 2016. Disponível em: https://www.ub.edu/geocrit/xiv_esterlimonad.pdf Acesso em 3 ag. 2023.

LOTMAN, I. *La semiosfera I*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

NUNES, M.R.F. Voo de pássaro e de avião: memórias do futuro em vozes migrantes. In: NUNES, M.R.F (Org). *Memórias do futuro em textos culturais midiáticos: perspectivas semióticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

NUNES, M.R.F. Memória do futuro, explosão, pancronia: a semiótica de Lotman e os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 14, n. 4, p. Port. 192–210 / Eng. 184, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38563> . Acesso em: 29 nov. 2025.

RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo, Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RIVERA CUSICANQUI, S. *Un mundo ch'ixi es possible*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

SILVA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 70 (no.spe.): 20-33, 2018. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003 Acesso em 25 nov. 2025.

SZPUNAR, K.; ADDIS, D.; McLELLAND, V. C.; SCHACTER, D. L. *Memories of the Future: New Insights into the Adaptive Value of Episodic Memory*. Disponível em <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3662022/> Acesso em 25 ago. 2025.

-
- [1] Uma versão preliminar foi apresentada oralmente no V Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: aproximações com Memória e História Oral. Os desafios da Interculturalidade, como uma das conferências de abertura na mesa Memória e Nostalgia. Universidade Mackenzie, SP, maio de 2025.
 - [2] Projeto referente à bolsa produtividade PQ2: Memórias do futuro em São Paulo: abigarramentos, utopias e práticas de consumo nos povos da rua. Processo 315084/2023-5. Chamada CNPq nº09/2023.
 - [3] O projeto está aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, no sistema CEP-CONEP, da ESPM, sob o número CAAE: 83207424.0.0000.9127. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os entrevistados pernoitam no centro de acolhimento, podem passar períodos do dia. Todos já viveram mais de um ano nas ruas.
 - [4] Os entrevistados foram selecionados mediante suas presenças no Arsenal e suas disponibilidades para conversar. Os depoimentos duraram em torno de 55 minutos, foram gravados uma única vez.
 - [5] Família de línguas indígenas que se originou no Peru e se espalhou para outros países andinos.
 - [6] No original, *ch'ixi* significa: “Gris con manchas menudas de blanco y negro que se entreveran” (Rivera Cusicanqui, 2018, p. 166), traduzido livremente como “cinza com manchas pequenas de branco e preto que se misturam”.
 - [7] A pesquisadora Fátima Silva (2018, p. 22) propõe o termo bionecropolítica, diálogo entre as noções foucaultianas de biopoder-biopolítica e a ideia de necropolítica argumentada por Achille Mbembe. Silva propõe um acoplamento dos conceitos “para pensar a emergência e pulverização microcapilares das relações e mecanismos de poder, principalmente em contextos sociais advindos dos processos de colonização e onde os elementos de colonialidade ainda são fortes”. O conceito corrobora a desigualdade sociorracial que impera em nosso país refletida na população em situação de rua.
 - [8] O POT (Programa Operação Trabalho) é um Programa social empreitado pela prefeitura de São Paulo que tem como objetivo conceder atenção especial ao trabalhador desempregado, residente no município de São Paulo, pertencente à família de baixa renda, visando estimulá-lo à busca de ocupação, bem como à sua reinserção no mercado de trabalho. Disponível em https://prefeitura.sp.gov.br/web/desenvolvimento/w/cursos/operacao_trabalho/610 Acesso em 29 ago. 2025